

## UM ESTUDO COMPARADO DOS PALESTRAS ITÁLIA DE SÃO PAULO E DE BELO HORIZONTE (1914-1933)

**Recebido em:** 09/01/2018

**Aceito em:** 19/10/2018

*Rodrigo Caldeira Bagni Moura*<sup>1</sup>

Instituto Federal de Minas Gerais – Campus Bambuí  
Bambuí – MG – Brasil

**RESUMO:** No presente trabalho analisaremos em perspectiva comparada o Palestra Itália, fundado em São Paulo em 1914, que após 1942 passou a chamar-se Sociedade Esportiva Palmeiras, com o Palestra Itália de Belo Horizonte, que iniciou suas atividades em 1921 e após 1942 transformou-se em Cruzeiro Esporte Clube. Nosso objetivo central será analisar comparativamente o processo de afirmação dos dois times, buscando compreender qual a importância do futebol, no processo de inserção e pertencimento dos italianos nas duas capitais mencionadas, e qual a contribuição dos Palestras para sedimentar a noção de identidade italiana, entre os membros da colônia, no período de 1914 à 1933.

**PALAVRAS CHAVE:** Futebol. Emigração e Imigração. Itália.

### A COMPARATIVE STUDY OF PALESTRAS ITÁLIA SÃO PAULO AND BELO HORIZONTE (1914-1933)

**ABSTRACT:** In this paper we are going to analyze in comparative perspective, the Palestra Italia, founded in São Paulo in 1914, which after 1942 became known Sociedade Esportiva Palmeiras, with the Palestra Italia in Belo Horizonte, which began its activities in 1921 and after 1942 became Cruzeiro Esporte Clube. Our main objective is to comparatively analyze the process of affirmation of the two teams, trying to understand how important soccer is in the process of inclusion and belonging of the Italians in the two aforementioned capitals, and the contribution of both Palestra teams to settle the notion of Italian identity, and members of the colony, in the period 1914 to 1933.

**KEYWORDS:** Soccer. Emigration and Immigration. Italy.

---

<sup>1</sup> Doutor em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor do Instituto Federal de Minas Gerais - campus Bambuí.

## **O Futebol e a Fundação do Palestra Itália em São Paulo e em Belo Horizonte**

Na década de 1910, o futebol já despertava muitos interesses em algumas cidades brasileiras. Não podia mais ser associado apenas com a elite, apesar de ainda ser considerado por muitas pessoas como um modismo ou um simples passatempo. Como destacou Pereira (2000, p. 52), várias cidades brasileiras criaram clubes de imigrantes e grande parte deles possuía times dessa modalidade esportiva.

Os italianos reivindicavam a fundação de clubes para praticar o futebol tanto em São Paulo quanto em Belo Horizonte. Tendo as maiores colônias dessas cidades era de se estranhar que os alemães, os ingleses, os portugueses e vários outros grupos tivessem seu espaço para praticar o esporte, e os imigrantes e descendentes de italianos não possuíssem os próprios times.

Alguns italianos praticavam a modalidade em agremiações dessas cidades e tecnicamente jogavam bem, como se constatou nas fontes a que se teve acesso. Pelos documentos recolhidos e analisados não foi possível saber se os imigrantes aprenderam o futebol na Itália ou no Brasil, mas sem dúvida foram aperfeiçoando as técnicas do esporte em território brasileiro, em contato com inúmeros povos, que naquele momento vieram construir a vida neste país e contribuíram para o desenvolvimento das capitais dos Estados de São Paulo e de Minas Gerais.

O futebol atraiu, com grande rapidez, o interesse das camadas populares. Nas duas cidades investigadas, as disputas eram muito acirradas. Os jogos eram frequentados por uma assistência entusiasmada e os estádios funcionavam como ponto de encontro e local de desenvolvimento de sociabilidades. Os campeonatos promovidos pelas ligas eram disputados por clubes tradicionais. Para algum time ascender e participar da competição,

eram necessárias influências diversas, pois os critérios não eram claros e muitos fatores dificultavam os objetivos de clubes, como o recém-fundado Palestra Itália.

De acordo com Salun (2007, p. 46), "São Paulo, então com cerca de 320 mil habitantes, era um reduto de imigrantes. Por volta de 1914, a cidade era um grande mosaico cultural", e foi nessa cidade, que se transformava a "passos largos" em uma metrópole, que Vincenzo Ragonetti, Luigi Cervo, Luigi Marzo e Ezequiel Simone idealizaram um projeto de criar um clube. Esse projeto foi tão vitorioso que inspirou a fundação do Palestra Mineiro, em 1921, com a colaboração de figuras influentes da colônia em Belo Horizonte, como o cônsul Lorenzo Nicolai e os irmãos Aurelio e Aureliano Noce. Ribeiro (2014, p. 46) afirma que "os estatutos do Palestra de São Paulo que haviam sido solicitados chegaram pelo correio, foram apresentados e aprovados integralmente na capital mineira".

Souza (2014, p. 2012), na sua dissertação sobre o Palestra Itália de Curitiba<sup>2</sup> defende a ideia de que,

[...] o que interessava às elites imigrantes não era afirmar a capacidade dos ítalo brasileiros de vencerem, em campo, os demais clubes da cidade; mas sim, demonstrar que tinham poder e dinheiro suficientes para construir um clube tão importante quanto as mais tradicionais agremiações da capital paranaense. Em outras palavras, o Palestra Itália era antes um empreendimento de certa elite de imigrantes italianos, que um time formado por imigrantes italianos. Às elites imigrantes coube dirigir o clube e não necessariamente jogar por ele.

---

<sup>2</sup> O Palestra Itália de Curitiba surgiu em 7 de janeiro de 1921. Ressalte-se que tanto o Palestra Itália de Belo Horizonte quanto o de Curitiba foram inspirados no projeto idealizado pela colônia italiana residente na capital paulista. No caso do Paraná Souza (2014) apresenta um cenário em que houve intenso trânsito de jogadores paulistas que foram atuar naquela cidade, estabelecendo inúmeras relações semiprofissionais. Em Belo Horizonte, esse intercâmbio de jogadores foi muito menor no início da década de 1920. Restringiram-se a alguns convites a jogadores do Palestra Itália de São Paulo para reforçar a equipe do Palestra Itália de Minas Gerais, em eventos comemorativos, como ocorreu na inauguração do estádio da equipe na capital mineira.

Assim como no Paraná, em São Paulo e em Belo Horizonte os imigrantes italianos enriquecidos tiveram papel determinante na fundação dos Palestras. Strepco (2010, p. 148), refletindo sobre a fundação do Palestra Itália de São Paulo, afirma que "as relações com a família Matarazzo foram fundamentais em momentos cruciais da história do clube". Em Belo Horizonte, Santana (2003, p. 34) destaca a figura de Aurélio Noce, um comerciante de sucesso na cidade que, "como presidente, aglutinou a colônia, motivando os ricos a contribuírem financeiramente e os jovens a participarem como atletas e sócios e colocou o clube na primeira divisão da Liga Mineira".

A Società Sportiva Palestra Itália de São Paulo foi fundada originalmente em 1914, no extinto salão Alhambra, à época situado próximo à Praça da Sé. Participaram desse encontro, aproximadamente, 46 pessoas, a maioria de origem italiana, e, como consta na primeira carteira social do clube, a entidade almejava ser além de sociedade esportiva, também recreativa e dramática (CERVO, 2012). De acordo com Strepco (2010), em 27 de agosto de 1914 o jornal *Fanfulla* informou a composição da primeira diretoria do Palestra Itália fundado na capital paulista.

Já a Società Sportiva Palestra Itália de Belo Horizonte foi fundada oficialmente no dia 2 de janeiro de 1921, na Casa de Itália, na Rua Tamoios, no centro de Belo Horizonte, e reuniu 95 esportistas de origem italiana. Um dos pontos mais importantes dos dois estatutos era o que determinava que os *players* das duas entidades só poderiam ser italianos ou filhos de italianos<sup>3</sup>. Tal exigência foi abolida em 1925, no entanto, o time continuou sendo identificado com os italianos.

---

<sup>3</sup> DIÁRIO DE MINAS, Belo Horizonte, p. 2, quarta-feira, 27 abr. 1921.

A palavra “palestra”, de origem grega, significa "academia ou escola onde se pratica atividades físicas<sup>4</sup>". Entretanto, os dois clubes representaram muito mais do que isso. Em comum tinham o desejo de reunir os membros da colônia nas duas capitais e de ser um projeto elaborado e concretizado para despertar e cultivar o sentimento de italianidade entre os imigrantes ou descendentes. Segundo Duarte (2008, p. 29),

[...] quem sugerira o nome Palestra Italia fora Luigi Cervo. Palestra é palavra de origem grega e, na acepção de que estamos tratando, significa ‘local para exercícios; praça em que se praticam esportes, mas que serve também para promover festas e outros eventos’. Para um clube de gente tão ativa e comunicativa, não podia haver melhor denominação. O estatuto definira também as cores da agremiação: o verde, branco e vermelho da bandeira italiana.

O Palestra de São Paulo entrou para a APEA em 1916, portanto, dois anos após sua fundação; enquanto o Palestra de Belo Horizonte entrou para a Liga Mineira de Desportes Terrestres (LMDT) em 1921, portanto, no mesmo ano em que foi criado. As duas entidades foram aceitas muito rapidamente nas principais competições dos seus respectivos Estados, o que demonstra a força e a importância que a colônia italiana tinha nas duas capitais. Assim como no caso do Palestra Itália de São Paulo, o uniforme do Palestra mineiro levou as cores da bandeira italiana.

O primeiro título conquistado pelo Palestra de São Paulo ocorreu em 1920, enquanto o Palestra de Belo Horizonte foi campeão em 1926. Contudo, transcorreram-se seis anos para o Palestra de São Paulo ser campeão e cinco anos para o Palestra de Belo Horizonte alcançar o mesmo feito no seu Estado de origem. Eles foram vice-campeões das competições em 1917 e 1922 respectivamente. Podemos perceber que, com todas as dificuldades apresentadas, ainda mais no caso do Palestra Itália de São

---

<sup>4</sup> PALMEIRAS: linha do tempo: 2014-21. Disponível em: [www.palmeiras.com.br/linhadotempo/1914-21](http://www.palmeiras.com.br/linhadotempo/1914-21). Acesso em: 10 nov. 2015.

Paulo, pelas contingências e pelo clima tumultuado ocasionado pela Primeira Guerra Mundial, tudo aconteceu com grande velocidade, tal como os ímpetus da modernidade almejada nas duas capitais que promoveram mudanças importantes na arquitetura, nas novas formas de diversão e de convívio social.

O estatuto do "Palestra Italia de S. Paulo", fundado em 26 agosto de 1914, apresenta indícios significativos do desejo dos italianos na constituição do time.

Estatuto do Palestra Itália de São Paulo. Fundada em 26 de agosto de 1914. Capítulo 1. Da instituição e seus objetivos. Art. 1<sup>a</sup> – Trata-se de uma entidade que reside legalmente em São Paulo, uma instituição italiana chamada ‘Palestra Itália’, fundada em 26 de agosto de 1914. **O objetivo da instituição é incentivar os Esportes em geral e principalmente o futebol (foot-ball), em particular, dar apoio a todas as iniciativas e eventos que propõem fim da Educação Física como um fator de fortalecimento da raça, integração do caráter e elevação do espírito de associação, incluindo os compatriotas, em seguida, entre eles e os filhos da terra e convidados de outras nacionalidades.** Artigo 3<sup>o</sup> – Este programa funciona em estreita colaboração desportiva, a instituição pode ser expandida e integrada com outras manifestações similares, desde que tais eventos não se contradizem em bases constitutivas da sociedade, mas sim contribuam em concórdia, de (eventos sociais, conferências, de benefício, etc.) e popularmente para o bom nome da instituição. Artigo 4<sup>o</sup> – **A instituição, portanto, não tem caráter político ou religioso, nem uma característica exclusivamente nacionalista, enquanto querendo manter esse espírito de italianidade, que em seu nome e que um dos propósitos da sua constituição, tal como aparece nos artigos 1<sup>o</sup> e 2<sup>o</sup>.** Capítulo II: Dos sócios. Artigo 5<sup>o</sup> – **Poderá fazer parte da entidade, os cidadãos de qualquer nacionalidade, residentes em S. Paulo ou não, desde que não seja no exterior, que tenha pelo menos 16 anos de idade, que aceite o presente Estatuto e cuja reputação não cause dano moral à instituição.** Artigo 6<sup>o</sup> Há seis categorias de sócios: Patronos honorários, benfeitores, fundadores, Auditores, perpétuos e Contribuintes. Observação: Membros Honorários são aqueles que vêm designado como tal pela Assembléia sob proposta do Conselho de Administração. Observação b: membros benfeitores são aqueles que são designados como tal pela Assembleia, sob proposta do Conselho de Administração. Vincenzo Ragnetti (SALUN, p. 48, 2007 – grifos e tradução nossa).

É interessante perceber que, pelo estatuto acima, “o objetivo da instituição era incentivar os esportes em geral e, principalmente, o futebol (*foot-ball*) em particular; dar

apoio a todas as iniciativas e eventos que propõem fim da educação física como um fator de fortalecimento da raça, integração do caráter e elevação do espírito de associação”. Nesse momento, segundo Soares (2004, p. 69), a Educação Física era vista como "sinônimo de saúde física e mental, como promotora de saúde, como regeneradora da raça, das virtudes e da moral". Um fator de extrema importância para formar um povo forte, ativo, ordeiro e disciplinado. A introdução dos métodos ginásticos europeus (SOARES, 2004, p. 51) (principalmente o alemão, o sueco e o francês) ainda no século XIX, associado com a difusão de uma preocupação higienista e sanitária corroborou as iniciativas, que tinham por objetivo:

[...] regenerar a raça (não nos esqueçamos do grande número de mortes e de doenças; promover a saúde (sem alterar as condições de vida); desenvolver a vontade, a coragem, a força, a energia de viver (para servir a pátria nas guerras e na indústria) e, finalmente, desenvolver a moral (que nada mais é do que uma intervenção nas tradições e nos costumes dos povos) (SOARES, 2004, p. 52).

Retornando aos discursos e documentos, no momento de definição de quais nacionalidades deveriam ser recrutadas para vir para o Brasil, observa-se que o padrão desejado era o europeu. Segundo Bertonha (2010, p. 97), nos anos finais do século XIX e no início do século XX,

[...] no Brasil, por exemplo, a imigração de negros asiáticos foi afetada por muito tempo, pois se queria ‘branquear’ o país como forma de civilizá-lo. Como país latino e católico, é claro que o Brasil aceitou italianos, espanhóis e portugueses, considerando-os europeus e, portanto, superiores. Mesmo aqui, contudo, havia a ideia da superioridade dos anglo-saxões e germânicos, o que levou à preferência, enquanto foi possível, por emigrantes dessas regiões e, entre os italianos, pelos oriundos do norte.

Havia muitas restrições em relação aos italianos, que podiam ser identificados como um povo que disputava com os brasileiros os postos de trabalho no campo e, principalmente, nas cidades. Além disso, eles eram identificados como:

[...] pobres, analfabetos, em boa parte com hábitos peculiares, aos italianos logo foram atribuídos vários estereótipos: pouco higiênicos, com padrões morais pouco elevados (violentos, devassos, delinquentes, entre outros), subversivos (BERTONHA, 2010, p. 98).

Por tudo isso, poucas pessoas de outras nacionalidades ingressaram na instituição declaradamente fundada e composta por italianos.

Segundo Cervo (1939/2012, p.14), um dos idealizadores da Società Sportiva Palestra Itália, em um discurso proferido em agosto de 1939, na solenidade de comemoração dos 25 anos de fundação da agremiação, realizado na sede social do clube,

[...] a Primeira Guerra Mundial, com a conseqüente participação da Itália, pôs em perigo a existência do Palestra Itália, pois que a colônia italiana fora chamada a cumprir as mais árduas tarefas, mas teve, depois, a honra de concorrer para o triunfo militar<sup>5</sup>.

Os impactos dessa guerra, direta ou indiretamente, afetaram o mundo inteiro. Muitos imigrantes italianos em São Paulo começaram a enviar dinheiro para a Itália. De acordo com Cervo (1939/2012) foram feitas várias campanhas e jogos beneficentes, com o intuito de arrecadar dinheiro para o Comitê pró-pátria. Alguns membros da colônia italiana sonhavam em defender a Itália no conflito armado e alguns retornaram para a Europa com esse propósito.

Cervo (2012), ao fazer essa afirmação, traz indícios de como a comunidade italiana em São Paulo sentia e se identificava com os problemas da pátria distante, a tal ponto de a participação da Itália na guerra, a tantos quilômetros de distância, contribuir para promover a organização dos imigrantes no Brasil.

Segundo Hall (2010, p. 51), “a Primeira Guerra Mundial provocou fortes reações entre os imigrantes. A entrada da Itália na guerra em 1915 criou divisões profundas em

---

<sup>5</sup> Luigi Cervo foi idealizador e fundador do Clube. Essas informações foram extraídas por Galuppo (2009, p. 14-23) de um discurso proferido na cerimônia de comemoração dos 25 anos do Palestra Itália, em agosto de 1939, na sede social do clube, dos arquivos oficiais do Palmeiras como uma das versões a respeito da origem do clube.

São Paulo, como, aliás, na pátria”. Hall ainda afirma que os trabalhadores italianos em São Paulo foram demitidos por seus “patrões italianíssimos” para induzi-los e constrangê-los ao serviço militar na Itália. Outro aspecto importante foi a obrigatoriedade, imposta pelos industriais italianos, de uma contribuição pró-pátria em benefício do esforço de guerra da Itália, que os operários de origem italiana deveriam pagar compulsoriamente aos seus patrões. Esse fato gerou grandes ressentimentos e se tornou uma reivindicação importante na greve geral de 1917.

A Primeira Guerra Mundial foi encerrada em 1918. Nesse ano, várias matérias, publicadas no jornal *O Estado de São Paulo*, relacionavam o time de futebol do Palestra Itália com a nação europeia, unificada há algumas décadas, usando os seguintes termos: “o *team* italiano”<sup>6</sup>, o “*club* italiano”<sup>7</sup>, o “*player* italiano”<sup>8</sup>, “*esquadra* italiana”<sup>9</sup>, “*goal keeper* italiano”<sup>10</sup>, o “*retângulo* italiano”<sup>11</sup>, a “*linha* italiana”<sup>12</sup>, ou a “*defesa* italiana”<sup>13</sup>. Não é que a imprensa deveria omitir esse fato ou negar a origem do Palestra como clube almejado e sonhado por italianos, de diferentes regiões da Itália e de diferentes classes sociais. O que causou estranhamento foi que a insistência em enfatizar o adjetivo italiano quando se referia ao Palestra aconteceu em 1917 e 1918, quando houve o acirramento do conflito armado.

Em São Paulo, a fundação do Palestra Itália foi impulsionada pela visita de duas equipes italianas em agosto de 1914. A vinda das equipes do Torino e do Pro-Vercelli – Representação Oficial Italiana – estimulou, também, a criação de outros times por

---

<sup>6</sup> O ESTADO DE SÃO PAULO. São Paulo, p. 5, 7 maio 1917; O ESTADO DE SÃO PAULO. São Paulo, p. 6, 24 jun. 1918.

<sup>7</sup> O ESTADO DE SÃO PAULO. São Paulo, p. 6, 11 jun. 1917; O ESTADO DE SÃO PAULO. São Paulo, p. 6, 24 jun. 1918.

<sup>8</sup> O ESTADO DE SÃO PAULO. São Paulo, p. 6, 30 jun. 1917.

<sup>9</sup> O ESTADO DE SÃO PAULO. São Paulo, p. 6, 10 set. 1917.

<sup>10</sup> O ESTADO DE SÃO PAULO. São Paulo, p. 6, 17 set. 1917.

<sup>11</sup> O ESTADO DE SÃO PAULO. São Paulo, p. 6, 26 nov. 1917.

<sup>12</sup> O ESTADO DE SÃO PAULO. São Paulo, p. 5, 21 jan. 1918.

<sup>13</sup> O ESTADO DE SÃO PAULO, São Paulo, p. 5, 21 jan. 1918.

italianos e descendentes na cidade de São Paulo, como o Touring F. C., o Smart F. C., a Società Calcistica Florentia Amicci dello Sport, o Paraiso F. C., o Italo F. B. C. ou o Itália F. C. De acordo com Cervo (2012)<sup>14</sup>, na descrição a seguir temos uma ideia do que era o momento esportivo que vivia São Paulo quando da fundação do Palestra:

De fato, o Paulistano que era o clube líder e que, além de um ótimo time possuía, em seus quadros sociais, a ‘elite’ da sociedade paulistana, retirou-se, junto com outros clubes, da Liga Paulista de Futebol, fundando e opondo-lhe a ‘APSA’, que, como todos nós sabemos tornou-se a Associação gloriosa e reguladora suprema por muitos anos, das atividades esportivas do nosso Estado. A rivalidade entre duas entidades – LPF e APSA – determinou uma verdadeira emulação, que foi benéfica, pois que graças a ela aqui vieram medir forças para os nossos jogadores. Graças à LPF, tivemos a visita do Torino Football Club e o acontecimento teve repercussão em todas as classes, pois que, como era natural, interessava também o sentimento patriótico dos italianos. Foram momentos de transbordante e empolgante entusiasmo, que muitos relembram ainda hoje com comoção. Aquela visita firmou, em mim e nos meus companheiros da sociedade ‘Bella Estrella’, a ideia de fundar uma sociedade esportiva da colônia italiana. Nossos propósitos entusiasmaram numerosos moços, filhos de nossos italianos, que já militavam nas equipes de futebol (CERVO, 2012, p. 17-18).

Coube, então, ao poeta, escritor e jornalista Vincenzo Ragnetti a iniciativa de enviar uma carta ao jornal *Fanfulla*<sup>15</sup>, depois de uma reunião que aconteceu no salão Alhambra, em que foram discutidas as bases de fundação da nova sociedade, que devia ser esportiva, recreativa e dramática:

**Pela formação de um quadro italiano de futebol em São Paulo.**  
*São Paulo, 13 de Agosto de 1914.* Egrégio Sr. Diretor do ‘Fanfulla’  
Uma palavra apenas e, para esta, um cantinho no vosso jornal.  
Eis do que se trata: Alguns conhecidos futebolistas italianos, mas associados a clubes brasileiros, encarregaram-me de escrever-vos acerca de um projeto por eles comentado entre dois goles de café, fazendo-me

<sup>14</sup> Enfatize-se que este discurso (como todo discurso) é repleto de intencionalidades. Como o seu autor é considerado um dos principais protagonistas na fundação do Palestra Itália, é importante trazê-lo com o propósito de problematizá-lo na sequência do trabalho.

<sup>15</sup> Fanfulla é um jornal da colônia italiana fundado no século XIX e que circula até hoje em São Paulo. Em 1893, o Fanfulla teve uma tiragem de 15 mil exemplares contra os 20 mil do jornal O Estado de São Paulo. É um jornal que compõe a chamada imprensa imigrante, aquela produzida por um grupo etnicamente diferenciado – oriundo de um processo de imigração –, dirigida para o próprio grupo, em geral (mas não obrigatoriamente), na língua pátria.

então compreender a esperança de que tal projeto o vosso jornal se torne portador e propagandista. Nós temos em São Paulo (afirmam os referidos esportistas) o clube dos alemães, dos ingleses, dos portugueses, dos internacionais, e mesmo dos católicos e dos protestantes. Mas, para um clube que seja exclusivamente de 'sportman' italiano, e sendo nossa Colônia a maior do estado, nada se tentou ainda realizar. Futebolistas italianos que jogam bem encontram-se em São Paulo. Por que, de comum acordo, não reunimos os referidos senhores e, assim como temos associações de remo, filodramáticas, mundanas, patrióticas, etc., de estrutura italiana e fundemos um clube de futebol? Aí fica a proposta dos futebolistas italianos e com V.S., Sr Diretor, o comentário. Vincenzo Ragnetti<sup>16</sup>.

Segundo Streapco (2010, p. 136), a visita dos times italianos despertou muito entusiasmo na comunidade italiana em São Paulo, entretanto, "ao se mesclarem com os sentimentos nacionalistas despertados pela deflagração da Primeira Guerra mundial, instigaram episódios de violência que envolveram brasileiros e italianos".

Em Belo Horizonte, um projeto de clube para representar os italianos que viviam na cidade ganhou força em 1921, influenciado pelo êxito esportivo alcançado pelo Palestra Itália de São Paulo, que se sagrou campeão paulista em 1920. O jornal *Araldo Italiano* apresentou a seguinte versão para a fundação do time:

Este clube esportivo prospera. Dele é presidente o caro jovem Sr. Alberto Noce. Progrediu dia a dia, pela boa vontade extraordinária em relação a todos os entusiasmados 300 membros. Se tivéssemos de passar em revista os progressos realizados nestes dois anos e meio de existência, veríamos que mais uma vez em todas as coisas o italiano quer ser tão grande. Fundada em 2 de janeiro de 1921, como resultado do sucesso obtido pelo time de mesmo nome de São Paulo, que foi campeão de São Paulo de 1920; obteve êxito a colônia italiana no seu apogeu moral e material que eram necessárias para o seu rápido desenvolvimento<sup>17</sup>.

---

<sup>16</sup> Carta enviada ao jornal Fanfulla por Vincenzo Ragnetti (FANFULLA. São Paulo, p. ???, 13 ago. 1914)

<sup>17</sup> ARALDO ITALIANO. Belo Horizonte, p. 2, 31 jul. 1923: Tradução nossa. Questa fiorenti società sportiva, della quale é presidente l'egrégio Giovane Sr. Alberto Noce, progredisse giorno per giorno, data la straordinaria buona volontà della direzione tutta e dato l'entusiasmo dei suoi 300 soci. Se volessimo passare in rivista el progresso fatto in questi due anni e mezzo d'esistenza, vedremmo ancora una volta che in tutte Le cose quando l'italiano vuole as esser grande. Fondata Il 2 gennaio 1921, come conseguenza del successo ottenuto dalla omonima de San Paulo, che riuisci campione de S. Paolo del 1920;

Quando o Palestra Itália foi fundado na capital mineira, o contexto Pós-Primeira Guerra Mundial e a condução política dos diretores dessa associação fizeram com que os ânimos fossem menos exaltados e, conseqüentemente, as hostilidades sofridas pelos italianos foram menores. Os dirigentes da entidade, em várias oportunidades, fizeram questão de justificar as finalidades da constituição de uma equipe da colônia italiana, como no discurso publicado no *Diário de Minas*, proferido pelo Sr Tolentino Miraglia, que orou oficialmente em nome do Palestra:

Deu satisfatória explicação do artigo dos estatutos do Palestra no qual se determina que os seus *players*, só poderão ser italianos ou filhos de italianos, identicamente ao que acontece com a congênere da paulicéia. A questão é apenas de despertar maior estímulo e mais entusiasmo na laboriosa colônia e no futebol horizontal. Mas os palestrinos não tem outro fim, senão o de trabalhar pela causa comum: o progresso esportivo do Estado<sup>18</sup>.

Para Capraro (2011), os Palestras fundados em São Paulo e em Belo Horizonte foram, além de times de futebol, também pontos de encontro dos imigrantes italianos, estabelecendo relações diferenciadas com os brasileiros habitantes de São Paulo e de Belo Horizonte. De acordo com o autor, em entrevista cedida a Malta (2011, p. 34),

[...] em comum, tinham como associados imigrantes italianos de classe média. Mas, já nos primeiros anos de existência, também havia diferenças sutis em relação à popularidade dos dois clubes: a colônia italiana era a maior de São Paulo, muitos haviam rapidamente migrado da zona rural para a cidade, e o clube contava com o apoio, mesmo que informal, do conglomerado industrial de Francesco Matarazzo (1854-1937); já no caso do mineiro, embora fundado pela colônia italiana, recém-estabelecida em Belo Horizonte, o clube rapidamente abriu suas portas para a população, inclusive trabalhadores braçais como pedreiros, carroceiros, marceneiros etc.

---

ottene súbito dalla colônia italiana quell'appoggio morale e materiale che erano necessari al suo rápido sviluppo.

<sup>18</sup> DIÁRIO DE MINAS. Belo Horizonte, p. 2, quarta-feira, 27 abr. 1921.

Segundo Toledo (2012), as transformações intensas e carregadas de frenesi estético e econômico, que aconteceram na cidade metrópole de São Paulo, só foi possível pela complexidade de tipos humanos que foram habitar e construir uma das maiores aglomerações humanas do mundo:

Foi assim que negros, migrantes vindos do interior do Estado, europeus e orientais das muitas paragens que por aqui se confrontaram, se apartaram, mas que inevitavelmente também se misturaram passaram a vivenciar uma experiência singular de cidade, polinizando hábitos diversos (TOLEDO, 2012, p. 56-57).

Numa tentativa de convivência harmônica e pacífica, os diversos grupos desenvolveram outras formas de sociabilidade. As trocas culturais entre as camadas médias da população, as elites e os grupos menos afeitos aos novos códigos sociais fizeram aumentar as tensões e os conflitos em São Paulo e em Belo Horizonte.

Pelo exposto acima, há alguns indícios do que representou o Palestra Itália para os imigrantes na capital paulista e na capital mineira. A imprensa teve papel primordial no processo de reconhecimento dos italianos e da associação deles com o Palestra Itália, pois, à medida que o clube foi se consolidando nas respectivas cidades e se tornando vencedor, mais italianos começaram a integrá-lo, constituindo, assim, um sentimento de pertencimento, capaz de evidenciar e ressaltar as semelhanças e minimizar as diferenças. Além do mais, a imprensa, por intermédio do futebol, foi capaz de criar animosidades e rivalidades entre os clubes de imigrantes e os clubes mais identificados com a população brasileira.

Em São Paulo, segundo Araújo (1996, p. 69 e 70) “o Palestra Itália fora fundado com o objetivo de ser atuante no esporte paulistano, através de um time de futebol, seara que fora forjada pela elite, e que no período estudado ainda a comandava”. Segundo o referido autor,

Esta associação torna-se uma intrusa no cenário esportivo da cidade de São Paulo, pois a base deste time, diferentemente dos demais integrantes da APSA, era formada por imigrantes italianos, que certamente, na sua esmagadora maioria, não faziam parte das classes abastadas da nossa sociedade (ARAÚJO, 1996, p. 70).

Seguindo esta tendência nacional Ribeiro (2007, p. 124), afirma:

Outro tipo de identidade que surgiu com destaque no meio esportivo da capital mineira foi a imigrante. Se, ao contrário de outros centros, o futebol em Belo Horizonte não contou com a presença de estrangeiros, principalmente ingleses, em seu processo de implantação, naquele final da década de 10, agremiações fundadas no seio das colônias mais pobres, como os portugueses e os italianos, começaram a se fazer presentes. Tal fenômeno se ligava ao movimento de disseminação da prática atlética entre variadas classes sociais, em momento já bem diferente do da introdução daquela atividade física. Entre os italianos de Belo Horizonte que buscavam, em meio à colônia não muito coesa, formar um clube de futebol, exemplos vindos de outros centros, como no caso do Palestra de São Paulo, grande modelo de agremiação imigrante no Brasil, serviam de parâmetro e estímulo para a constituição do projeto da entidade com que sonhavam e concretizaram, em 1921, com a fundação da *Società Sportiva Palestra Italia*.

As hostilidades contra os italianos eram grandes desde o início da imigração em massa. Essas atitudes discriminatórias foram atenuadas pela própria organização dos italianos em associações de apoio mútuo. Contudo, atitudes hostis voltaram a acontecer, tendo como alvo os italianos, agora nos campos de futebol, pois, com a criação do time do Palestra Itália, as críticas passaram a surgir numa arena que dava ampla visibilidade, utilizando um esporte que cresceu assustadoramente.

Em Belo Horizonte, no final da década de 1920, percebe-se que o imaginário social relacionava o time do Palestra com os italianos, embora, tanto na capital mineira quanto em São Paulo, os times tivessem de se abrir para outras nacionalidades. O colunista do *Minas Gerais* tenta demonstrar abaixo que até mesmo os italianos queriam ser reconhecidos como brasileiros. Mas o que era o Palestra?

O Palestra é uma porção de brasileiros que alguns torcedores consideram como italianos. Principalmente no dia do jogo. Por teima. Para contariar. – Entra italiano! Por isto, os palestrinos se reúnem no bar excelsior, todas as noites, para dizer que nasceram no Brasil. E como o futebol é um meio horrível, há alguns, rigorosamente italianos, que se ofendem a si mesmos, gritando: – *Io sono brasilero*. A rapaziada do Palestra conquistou facilmente as simpatias do povo de Belo Horizonte. O Palestra, campeão da cidade, está ligado ao Athletico por uma grande amizade. E esta união tem sido agora tão legítima que o sr. Antonio Falci e o dr. Moura Costa não deixam ninguém andar mais sem o distintivo. Para evitar confusões<sup>19</sup>.

A assimilação da realidade brasileira pelos italianos aconteceu muito rapidamente. Esse processo fez com que muitos italianos se apropriassem dos hábitos, tradições e costumes locais, ressignificando-os, mas também introduzindo suas crenças e cultura, de tal forma que muitos descendentes e italianos da primeira geração se reconheciam como brasileiros.

Em alguns momentos, os cronistas faziam questão de frisar, em tom pejorativo, que o Palestra Itália era o responsável pelas confusões, brigas e insultos, pois seus jogadores e sua assistência, composta de italianos, associavam a derrota do Palestra à derrota da Itália e, não aceitando nem uma nem outra, apelavam para a violência. Em vários episódios o Palestra Itália foi acusado de não saber perder. Muitas vezes, os diretores das equipes palestrinas tentaram explicar os motivos das confusões em campo, com o objetivo de defender o Palestra e não deixar que a equipe fosse rotulada de violenta. Tal como no telegrama enviado pelos diretores do Palestra Itália de São Paulo para o *Correio Paulistano* de 12 de setembro de 1920.

É preciso que se saiba e que ninguém ignore, que o Palestra, nobre e leal antagonista, sabe ganhar e, também, se conforma com as derrotas que sofre, quando honestamente justas. Por alguém, que ocupa cargo de responsabilidade foi dito: ‘o Palestra não sabe perder’. Não é assim. Não é lícito lançar mão de uma frase feita, inventada para se cobrirem,

---

<sup>19</sup> MINAS GERAES. Belo Horizonte, p. 11, 18-19 nov. 1929.

com o manto de uma fábula, injustiças e abusos inomináveis. O Palestra sabe perder! Há um clube entre os dez da primeira divisão, que não sabe ganhar; nem ele, nem os próprios diretores e nem os seus obcecados ‘torcedores’. Um pouco de história, não prejudica. Quando, em maio deste ano no começo do campeonato, o Palestra levantou a palma da vitória sobre o Corinthians, – esquecendo as ofensas e os insultos atrozes com que em fins de 1919, os prosélitos do mesmo clube enxovalharam as ruas da capital – enviou a sede daquele – mensageiros de paz e de concórdia – seus diretores, acompanhados por cronistas, para significar-lhes que a rivalidade é necessária no campo da luta, para a própria existência do *sport*, mas rivalidade leal e cavalheiresca, que deve ser coroada, imediatamente após as partidas, por inequívocas manifestações de apreço recíproco<sup>20</sup>.

Estamos convencidos de que para a equipe palestrina a vitória representava mais do que apenas sobrepujar os adversários em campo. Os imigrantes italianos, apesar de afirmarem que também sabiam perder, observaram que vencer no futebol era uma forma de conseguir atrair mais italianos, de reforçar a identidade e, por consequência, mudar a imagem do italiano, que era tratado em diversas ocasiões com muitas hostilidades e preconceitos.

Por esses motivos, até mesmo conseguir um árbitro para os jogos era uma tarefa árdua: “É um fato conhecido em São Paulo a dificuldade que sempre se encontra em conseguir um árbitro para *matches* de que participe o Palestra Itália<sup>21</sup>”. Entretanto, não era somente nas partidas do Palestra Itália que ocorriam tumultos.

Em outras fontes foi possível identificar que em algumas matérias publicadas no jornal *O Estado de São Paulo*, sobre os jogos que envolviam o Palestra Itália, não constava a escalação do time do Palestra, somente a do seu adversário – por exemplo, nos jogos entre Palestra Itália x Internacional-SP, pelo Campeonato Paulista no Estádio da Chácara da Floresta, em 15 de julho de 1917<sup>22</sup>; no jogo entre Palestra Itália x

---

<sup>20</sup> CORREIO PAULISTANO, São Paulo, p. 2, 12 set. 1920.

<sup>21</sup> O ESTADO DE SÃO PAULO, São Paulo, p. 4, 1º jul. 1918.

<sup>22</sup> O ESTADO DE SÃO PAULO. São Paulo, p. 8, 15 jul. 1917, p. 8.

Corinthians-SP<sup>23</sup>, e também no jogo entre Palestra Itália x Paulistano-SP<sup>24</sup>. Essa ausência das escalões de um dos times não era incomum nas matérias veiculadas nos jornais no início do século e não pode ser entendida como descaso ou como preconceito por parte dos cronistas, tal como afirmou Araújo (1996), até porque na maioria das matérias a escalação das equipes do Palestra Itália está registrada nas páginas dos jornais.

Após 1918, a imprensa paulistana deixou de associar com tanta veemência o time do Palestra Itália de São Paulo com sua origem nos imigrantes italianos. A imprensa tomou essa iniciativa, pois, com o fim da guerra, não fazia mais sentido enfatizar a todo momento o Palestra à origem étnica dos seus jogadores e, possivelmente, para minimizar os conflitos e as brigas entre os italianos e os espectadores de outras nacionalidades, pois os autores das matérias pararam de instigar a rivalidade, ressaltando a nação de origem, sentimento que era muito novo, mas que foi despertado e, pouco a pouco, cultivado por eles.

Segundo Carelli (1985, p. 12), "o período imediatamente posterior a Primeira Guerra Mundial marca uma retomada da imigração, em escala menor, e a Revolução de Outubro de 1930 assiste a quase extinção da imigração européia". Com menos empecilhos e dificuldades para administrar, em razão do momento histórico, com apenas três meses de existência o Palestra de Belo Horizonte fez seu primeiro jogo contra um combinado de jogadores do Villa Nova e do Palmeiras, saindo vencedor pelo placar de 2 a 0. Todos os jogadores do Palestra que atuaram nessa partida vieram do Yale, como mencionado mais à frente, com exceção do zagueiro Ciccio, que veio do Guarany, do bairro da Lagoinha.

---

<sup>23</sup> O ESTADO DE SÃO PAULO. São Paulo, p. 6, 5 ago. 1918.

<sup>24</sup> O ESTADO DE SÃO PAULO. São Paulo, p. 3, 30 jun. 1918.

O Palestra Itália de São Paulo fez o primeiro jogo contra o Savoya de Votorantim. No entanto, por causa da guerra, quatro meses após sua fundação o Palestra ainda não tinha disputado um jogo de futebol. Segundo Duarte (2008), o clube não queria decepcionar os italianos que viviam na cidade de São Paulo, assim como fizeram outros clubes ítalo-brasileiros que surgiram na capital paulista. Os palestrinos "chegaram a fazer campeonatos internos no Palestra para a escolha dos melhores jogadores. Naquela fase, eles não fizeram mais que treinar, usando um campo da rua Major Maragliano, na Vila Mariana" (DUARTE, 2008, p. 31). A partida contra o Savoya ocorreu somente no dia 24 de janeiro de 1915, como noticiou o *Fanfulla* no dia posterior, numa manchete muito sugestiva: "Una superba affermazione della Palestra Italia<sup>25</sup>".

Neste primeiro jogo realizado pelo Palestra Itália de São Paulo cinco jogadores do Corinthians foram convidados a compor o time palestrino, sendo eles: Americo Fiaschi, Fulvio Benti, Francisco Police, Bianco Spartaco Gambini e Amílcar Barbuy. O Corinthians estava sem disputar o campeonato paulista de 1915 pela Liga Paulista de Futebol (LPF), pois aguardava sua filiação na APEA, o que acabou não ocorrendo, devido a recusa dessa entidade. Por ironia do destino, Bianco, que era jogador do Corinthians marcou o primeiro gol do Palestra Itália. Streapco (2010, p. 137), ainda acrescenta:

Um dos mitos mais difundidos nas discussões futebolísticas da cidade afirma que o Palestra Itália surgiu de uma dissidência Corintiana. De fato em 1915, quando o Palestra Itália começou a disputar suas primeiras partidas contra equipes diversas, alguns jogadores do time do Corinthians atuaram pelas duas equipes. [...] Naquela ocasião, segundo o artigo 18 dos estatutos do Sport Club Corinthians Paulista só poderiam atuar por outras equipes com o consentimento da direção do clube. Portanto os jogadores corinthianos que atuaram,

---

<sup>25</sup> FANFULLA. São Paulo, p. 6, 5 jan. 1915.

simultaneamente, pelas duas equipes em 1915, provavelmente, o fizeram, com o consentimento da diretoria corintiana.

Quando o Palestra Itália de Belo Horizonte foi fundado, o futebol na capital mineira vivia a hegemonia do América, que era o pentacampeão da cidade e dominava os torneios oficiais. No ano de fundação do Palestra de São Paulo, quem dominava o futebol paulista era a equipe do Paulistano. Contudo, as rivalidades contra Athletico Mineiro<sup>26</sup> e Corinthians<sup>27</sup>, respectivamente, não demoraram muito a ser construídas.

Em 1915, poucos avanços foram observados no Palestra Itália de São Paulo, ainda mais quando comparados com os avanços alcançados no segundo ano de existência do Palestra na capital mineira. Já o ano de 1916 foi de extrema importância para o Palestra de São Paulo. A equipe pretendia disputar o campeonato oficial da APEA. O clube enfrentou algumas resistências dessa entidade. Contudo, com a filiação do Palestra, os imigrantes italianos passaram a encher os estádios e a acompanhar a equipe, aumentando significativamente o público das partidas, o que contribuiu para que a APEA aceitasse definitivamente a inscrição do clube.

Outro fator favorável ao Palestra foi a exclusão do time do Scottish Wanderers, que foi eliminado por não possuir campo próprio e outros documentos que cumprissem as exigências da APEA. No seu lugar entrou o time do Palestra Itália, que disputou o campeonato contra as equipes do Paulistano, A. A. das Palmeiras, Manchenzie, Santos, São Bento e Ypiranga.

O Palestra de Belo Horizonte deveria disputar o campeonato da cidade, em 1921, contra as equipes de menor expressão, o que corresponde atualmente à segunda divisão ou a série B. Entretanto, uma manobra política da sua diretoria possibilitou que

---

<sup>26</sup> Ver a esse respeito Alves (2013)

<sup>27</sup> Ver sobre a rivalidade entre Palestra e Corinthians o trabalho de Strepco (2010).

no ano de sua fundação a equipe compusesse a primeira divisão, enfrentando os principais times da cidade.

A Liga Mineira havia reformado seu estatuto no ano anterior e no novo documento exigia-se que todos os clubes se registrassem como pessoa jurídica até o último dia do ano; no entanto, somente America, Athletico e Yale cumpriram os prazos estabelecidos. Nesse caso, pelo regulamento a equipe do Sete, Luzitano e do Guarany deveriam cumprir a punição prevista e disputar a série B do campeonato da cidade. De forma arbitrária e desconsiderando seu próprio regulamento a Liga Mineira divulgou as tabelas da série A e B em que constava na série A as equipes infratoras.

A diretoria do Palestra Itália não se conformou com a irregularidade e entrou com um recurso contestando a manutenção daquelas equipes na série A. O estatuto previa, ainda, o aumento de 6 para 7 as equipes integrantes na série A do campeonato de 1921.

Depois de muitas discordâncias e debates acalorados, com posições divergentes das equipes envolvidas, a Liga Mineira decidiu que as vagas deveriam ser preenchidas por meio de um torneio. O Palestra Itália venceu o Ipanema no dia 19 de abril de 1921, no Prado Mineiro, e goleou o Palmeiras por 4 a 1, conquistando lugar na competição. Entretanto, a participação do Palestra Itália no campeonato de 1921 foi muito difícil, pois a equipe, que foi formada naquele ano, terminou o campeonato na penúltima colocação.

Coincidências à parte, o Palestra Itália de São Paulo, também no seu primeiro ano de participação no campeonato da APEA, terminou em penúltimo lugar, à frente apenas da A. A. das Palmeiras. Isso revela quão difícil era para uma equipe participar das principais competições dos seus Estados e conseguir resultados expressivos, ainda

mais no seu primeiro ano, enfrentando equipes que estavam acostumadas e preparadas para os jogos.

Naquele ano de 1916, o Palestra de São Paulo enfrentou, na sua estreia, o Mackenzie, no campo da chácara da Floresta, e empatou em 1 a 1. Na sequência do campeonato, a falta de experiência pesou nos resultados obtidos pelo time. Foram oito derrotas, dois empates, contra o Mackenzie e o São Bento, e duas vitórias sobre o Santos e o Ypiranga.

Por sua vez, no ano de sua fundação, a equipe do Palestra Itália de Belo Horizonte obteve o retrospecto de sete derrotas, três vitórias contra o Guarany (duas vezes) e o Luzitano, e dois empates, contra Athletico e Yale.

Tanto em São Paulo quanto em Belo Horizonte outras equipes foram fundadas por imigrantes. Segundo Barreto (2000), em Belo Horizonte, a colônia italiana fundou, em 1907, o Americano Foot Ball Club, tornando-se a primeira colônia de imigrantes a se mobilizar para fundar um time que a representasse no âmbito esportivo. Esse clube, no entanto, teve duração efêmera e encerrou suas atividades com menos de um ano de duração. No ano seguinte, no município vizinho de Nova Lima, foram fundados dois clubes por imigrantes ingleses: o Villa Nova e o Morro Velho.

De acordo com Ribeiro (2009, p. 6), o início da participação italiana no meio esportivo belo-horizontino ocorreu bem antes da fundação do Palestra Itália. No caso mais específico do futebol, a presença de italianos nos principais clubes fundados na cidade foi algo constante. Já na fundação do Sport Club, em 1904, foram encontrados alguns sobrenomes estrangeiros. Dentre os de origem italiana: "Francisco Caraccioli, Aureliano Nocchi, que chegaram a ocupar posições de direção. Aurelio Noce e certo Fraccarolli que participaram de alguns jogos e treinos" (RIBEIRO, 2009, p. 6); ou como

no caso dos irmãos Raul e Hugo Fraccaroli, que estavam entre os fundadores do Athletico Mineiro em 1908. Além desses, outros italianos, como E. Lodi, Nullo Savigni, Testi, Fiora e Camardelli, também integraram o quadro de jogadores do Athletico, segundo o referido autor, entre 1908 e 1915.

Ribeiro (2009) destacou a presença de jogadores de origem italiana na formação da equipe do Yale, clube fundado no bairro do Barro Preto. Essa presença maior de italianos e descendentes no meio esportivo acontecia à medida que eles iam adquirindo competência técnica e habilidade para disputar os principais eventos futebolísticos da cidade. "No fim da década de 1910, alguns já podiam ser apontados como experientes jogadores e sua presença nos selecionados locais era inevitável (RIBEIRO, 2009, p. 10).

Em 1916, houve a formação de uma equipe composta por italianos na cidade, denominada "Scratch italiano". Nesse momento, a ideia de formação de um selecionado que representasse esse grupo imigrante ganhou muita força, embora as hostilidades contra eles também crescesse em razão do desenrolar da Primeira Guerra Mundial. Até então, a equipe que reunia o maior número de italianos era o Yale, que possuía muitos indivíduos de origem operária. No entanto, em 1919, na constituição do selecionado da cidade, nenhum atleta do Yale foi convocado. Soma-se a isso o fato de que, numa partida do Yale contra o *scratch* belo-horizontino, as grandes hostilidades dirigidas aos jogadores e aos torcedores da agremiação operária atingiram níveis extremos.

Nesse episódio, os dirigentes do Yale resolveram, assim como o Palestra Itália em São Paulo, em 1918, abandonar o campeonato da Liga Mineira de Desportos Terrestres, pois havia algum tempo que os jogadores e os torcedores do time do Yale se sentiam preteridos pelas tradicionais associações esportivas da cidade (RIBEIRO, 2009, p. 13).

Contudo, diferentemente do Palestra Itália de São Paulo e possivelmente em razão das contingências locais, o Yale não teve forças para retornar à LMDT. Ainda de acordo com Ribeiro (2009, p. 13),

[...] paralelamente às dificuldades do Yale, observava-se na cidade novas articulações identitárias dando origem à agremiações esportivas. Com clubes ligados a bairros ou estabelecimentos comerciais. Entre as colônias imigrantes locais, o fortalecimento dos laços levava a criação de associações atléticas, a exemplo do Sport Club Lusitano, de portugueses, fundada em 1917 e que, por algum tempo, denominou-se Corinthians. Todo esse cenário se mostrou favorável à constituição de um clube composto por indivíduos de origem italiana. A crise do Yale solucionava o problema da falta de jogadores para a nova equipe, já que com as dificuldades enfrentadas pela antiga agremiação diversos atletas se aliaram a Aurélio Noce na sua idéia de fundar uma associação esportiva. O surgimento de outras entidades do gênero reforçava a necessidade de se criar mais esse mecanismo de afirmação identitária da colônia.

Segundo Figueiredo (1918/2014, p. 325), o "football em São Paulo teve três fases brilhantes" nas duas primeiras décadas do século XX. A fase que interessa neste trabalho mais de perto é a terceira, em que se destacaram o C. A. Paulistano e a S. S. Palestra Itália.

A primeira vai de 1902 a 1904, em que se destacaram o São Paulo Athletic e o C. A. Paulistano; a segunda, de 1909 e 1911, pertencente à A. A. das Palmeiras e o C. A. Paulistano, finalmente, a de agora, que começou e ainda não terminou, em que se salientaram, como é notório, o C. A. Paulistano e a S. S. Palestra Itália (FIGUEIREDO, 1918/2014, p. 325).

O autor conseguiu observar, e deixou registrado, que já na segunda fase verificou-se algum progresso técnico. A principal causa desse desenvolvimento esportivo foi, na visão de Figueiredo, a vinda de equipes de outras nacionalidades, como os argentinos e os africanos. Destaque-se que nesses momentos em que as equipes de outras nacionalidades chegavam à cidade um ambiente de euforia era criado. O entusiasmo dos espectadores dos jogos crescia muito.

É na terceira fase, porém, segundo Figueiredo (1918/2014), que as coisas mudaram. As pessoas passaram a ir aos campos de futebol quando o jogo despertava interesse do ponto de vista técnico e do espetáculo esportivo. Esse fato aconteceu porque as pessoas, a partir do momento que começaram a ter mais conhecimento sobre o futebol, tornaram-se mais exigentes. O esporte não era mais uma novidade no contexto urbano, e uma significativa parcela das pessoas começou a compreender melhor as regras do futebol e a analisar os jogos, inclusive sob o ponto de vista técnico:

[...] só se assiste a um *match* quando ele promete oferecer lances empolgantes. Não se faz o sacrifício de ir ao campo apenas para apreciar vestidos e chapéus, risinhos e gestos desenvoltos, mas para examinar o jogo, gozá-lo, saboreá-lo. Agora, sim, podemos dizer, em plena consciência que estamos evoluindo (FIGUEIREDO, 1918/2014, p. 325).

De acordo com Ribeiro (2007), um momento de grande entusiasmo com o futebol na cidade aconteceu em 1904, quando o jogo apareceu como uma possibilidade de diversão no contexto da recém-inaugurada capital do Estado de Minas Gerais. No ano seguinte, a prática dessa modalidade esportiva não era mais vista com tanta frequência pelas ruas, e só retornou com êxito em 1908.

Na nova fase, a utilização dos campos de jogo também revelava permanências. A mais clara delas era o retorno do parque municipal como espaço daquela prática física. Ali o Sport Club utilizava-se de área localizada nas proximidades da Avenida Mantiqueira, atual Avenida Alfredo Balena (RIBEIRO, 2007, p. 63).

Ainda de acordo com Ribeiro (2007), as experiências dos clubes pioneiros orientavam e serviam de modelo para as agremiações fundadas em 1908. Contudo, muitas críticas surgiram ao futebol desde sua implantação na capital mineira, em 1904. Nesse sentido, as novas entidades buscavam superar os problemas vivenciados pelos primeiros clubes da capital.

Em Belo Horizonte, "dizem, entretanto, que o Palestra, treinado, forte, conflitante, não quer saber de nomes, nem de tradições. E afinal de contas, tem lá a sua razão<sup>28</sup>". Enquanto o Palestra desafiava as principais equipes da cidade e despontava como um forte rival, já no primeiro ano de participação no campeonato, outras equipes tradicionais que compunham o campo esportivo na capital mineira buscavam manter-se no topo. As razões do Palestra estavam diretamente atreladas aos conflitos e resistências, impostos aos imigrantes italianos desde a concepção e construção da nova capital. Em certo sentido, a constituição do time de futebol, atrelada à lembrança da pátria distante, fazia com que os italianos e descendentes que viviam na cidade se reunissem e se fortalecessem em prol de uma mesma causa. Exemplo disso é a letra do hino do Palestra de Belo Horizonte composta pelo acadêmico Tolentino Miraglia e com música do maestro Arrigo Brizzachi.

No campo da luta. Entramos, contentes. Sentindo, frementes, as almas vibrar.

E deste entusiasmo. Nos nasce a pujança, na firme esperança. De sempre ganhar. Que seja o Palestra. Escola elevada, por nós consagrada. A força e o valor. (bis) Saindo do campo. Da nossa vitória. Sabemos a glória. No peito guardar. Não vá nosso orgulho. Ferir quem, contente, conosco, valente, soberá jogar, Que seja o Palestra. Escola elevada, por nós consagrada. A força e o valor. (bis) Porque se, de fato, na luta renhida. Tão bela partida. Soubemos ganhar; Não temos conosco. Razão que nos há de cortar a amizade. E os ódios gerar. Que seja o Palestra. Escola elevada, por nós consagrada. A força e o valor. (bis) E se, porventura, na luta perdermos, é justo sabermos. Sorrindo, calar. Fazendo desporto. Não temos em mira. Nem ódio, nem ira. Mas sim prosperar. Que seja o Palestra. Escola elevada, por nós consagrada. A força e o valor. (bis) E sejam as iras. No peito guardadas. Tremendas, sagradas, se a pátria chamar; E com a pujança. Da força educada, a pátria adorada. Saibamos honrar<sup>29</sup>.

---

<sup>28</sup> DIÁRIO DE MINAS. Belo Horizonte, p. 3, 21 dez. 1921.

<sup>29</sup> DIÁRIO DE MINAS. Belo Horizonte, p. 2, 5 maio 1922.

O Palestra Itália, além de um time de futebol, era também um espaço de afirmação dos italianos na cidade. Esse projeto de um clube que representava os italianos em Belo Horizonte teve muito êxito, pois o Palestra, desde sua fundação, "foi logo se impondo como uma organização eficiente e fadada ao mais largo progresso"<sup>30</sup>. Em matéria publicada no *Diário de Minas* de janeiro de 1922, a Sociedade Esportiva Palestra Itália foi identificada pelo cronista como "clube dos mais novos e esforçados em nossa vida esportiva"<sup>31</sup>. E não era para menos, pois no primeiro ano de existência, conseguiu se firmar como uma das principais equipes do campeonato:

De fato, não desmentiu a impressão que em torno dele logo se formou. A prova disso está no papel que desempenhou no campeonato de 1921, sobretudo o seu segundo quadro, que esteve brilhante. O Palestra tem a dirigi-lo um grupo de *sportmen* dedicados. Ainda agora inicia a construção do seu campo, concorrendo desse e de outros modos para o alevantamento do desporto horizontino. A grata efeméride de anteontem foi solene e festivamente comemorada pelos seus sócios, de cujos sentimentos participou todo o nosso meio esportivo<sup>32</sup>.

Dada sua organização, a Sociedade Esportiva Palestra Itália, que tinha no associativismo uma de suas marcas e possivelmente buscando se afirmar perante a sociedade local como equipe de respeito perante as outras, no início de 1922, "num gesto feliz acaba de adquirir uma taça para ser disputada num jogo cujo resultado reverterá em benefício da Santa Casa de Misericórdia"<sup>33</sup>.

Em São Paulo, o Palestra, desde os primeiros anos de sua fundação, também estava envolvido em *matches* beneficentes, como o que ocorreu entre as equipes do Paulistano *versus* Palestra Itália, a favor do Comitato Pró-Pátria e da Cruz Vermelha Italiana.

---

<sup>30</sup> DIÁRIO DE MINAS. Belo Horizonte. p. 2, 4 jan. 1922.

<sup>31</sup> DIÁRIO DE MINAS. Belo Horizonte. p. 2, 4 jan. 1922.

<sup>32</sup> DIÁRIO DE MINAS. Belo Horizonte. p. 2, 4 jan. 1922.

<sup>33</sup> DIÁRIO DE MINAS. Belo Horizonte. p. 2, 20 jan. 1922.

As duas associações esportivas promotoras da simpática festa diligenciam ativamente para que ela se revista do máximo brilhantismo afim de merecer do público paulista o interesse e atenção que ele certamente lhe dispensará diante do fim nobilíssimo que tem em vista<sup>34</sup>.

Nesse momento, em que principalmente a colônia italiana residente em São Paulo passava por um momento de extrema sensibilização, em virtude das incertezas da guerra, o sentimento de solidariedade pelos compatriotas que ficaram na Europa tendeu a crescer exponencialmente. Consequentemente, foram muitos os eventos para arrecadar fundos que seriam direcionados ao governo italiano, promovidos por diversas associações que congregavam os italianos em São Paulo e em Belo Horizonte.

### **"Carcamanos, Italianos Sujos, Desertores, Filhos da P...": As Hostilidades Contra os Jogadores Dd Palestra Itália**

Para os Palestras Itália vencer os jogos e os campeonatos era essencial para reforçar a identidade e atrair mais italianos. Um número maior de pessoas passou a identificar-se com o Palestra Itália, à medida que este passou a ganhar das outras equipes, pois, para os imigrantes e descendentes de italianos que sofriam constrangimentos, eram hostilizados e carregavam estigmas e preconceitos, dada sua origem étnica, não seria interessante associar-se a uma equipe perdedora e fracassada, que não conseguisse submeter as outras equipes a derrotas. Por mais que o discurso dos fundadores e dirigentes dos Palestras fosse em prol da participação e dos efeitos positivos que o esporte poderia promover para os membros da colônia italiana, a atitude deles nos jogos reforça a tese de que vencer os jogos era também uma forma de construir a identidade e atrair mais espectadores.

---

<sup>34</sup> CORREIO PAULISTANO. São Paulo, p. 2, 4 jun. 1915.

Uma carta publicada no *Estado de São Paulo* em julho de 1918, enviada pela diretoria do Palestra de São Paulo, é bastante reveladora de como eles percebiam a importância de vencer os jogos e como sentiam os insultos direcionados a eles.

Defendendo com amor as cores do seu clube, a equipe do Palestra Itália, sempre empregou o melhor dos seus esforços triunfando algumas vezes, outras vezes legalmente derrotado. O Palestra Itália não podia escapar a essa contingência, mesmo porque não se fundou unicamente para ganhar *matches* e isso seria até exigir um absurdo, ainda mais em pugnas esportivas em que a derrota entra sempre nos cálculos daqueles que pretendem sempre lutar a conquista da vitória não tendo significação outra senão aquela de ser unicamente uma derrota. Assim correu algum tempo, sem que nada de anormal perturbasse a existência do Palestra Itália, que, cada vez mais via aumentado o número dos seus sócios, fato que bem caracterizava o seu crescente progredir. Porém, de dois anos para cá, uma forte pressão oriunda de uma inconportável atitude de parte da assistência nos *matches* em, que o Palestra Itália tomava parte, levou ao espírito dos moços que constituem as suas equipes um quase que desânimo, um contristador desalento e ao mesmo passo, uma revolta íntima muito justa e muito natural naqueles que como *sportman* viam a cada passo ofendido o seu amor próprio e que, como filhos de italianos ouviam nesta terra que lhes prodigalizara uma hostilidade carinhosa, da boca dos seus adversários uma série imensa de diatribes, de doestos pesados e epítetos insultosos, que não podem deixar de operar no seu espírito essa perturbação que ninguém pode escapar, porque é a da organização de todo ente humano. Ao entrarem em campo, os jogadores sentiam sobre a saraivada impenitente de apodos que toda a parte lhes eram atirados ao rosto, como que diminuídos as sua forças, abatido o seu moral, e aos gritos de ‘CARCAMANOS’, ‘ITALIANOS SUJOS’, E ‘DESERTORES’, sentiam, por vezes uma onda de pranto estrangulhar-se-lhes na garganta, sufocada pela disciplina rígida a que estavam sujeitos e a que precisavam curvar<sup>35</sup>.

Por mais que os diretores da equipe palestrina afirmassem que o clube não fora fundado unicamente para ganhar os jogos e as competições, a postura e as atitudes em campo demonstravam o contrário. Além do mais, poucas pessoas não reagiriam a tantos absurdos e contrangimentos como os evidenciados no texto acima. Soma-se a esses aspectos o fato de que o momento histórico em que o Palestra Itália de São Paulo foi criado era de conflito e de afirmação do nacionalismo.

---

<sup>35</sup> O ESTADO DE SÃO PAULO. São Paulo, p. 4, 11 jul. 1918.

Em Belo Horizonte também aconteceram hostilidades contra os jogadores do Palestra desde sua fundação. Os insultos e as violências contra os palestrinos foram mais brandos do que na capital paulista, contudo, também aconteceram e perduraram por toda a década de 1920. Até o início da década de 1930, quem acompanhava o futebol na capital mineira não conseguia compreender os sentimentos dos torcedores em geral contra a equipe do Palestra. Nem mesmo o colunista do jornal *Minas Geraes* que se esforçava para compreender o comportamento das multidões, não conseguia identificar os motivos que levavam o público da capital mineira a torcer contra o Palestra, mesmo quando jogava com times de outras cidades.

De fato, não compreendemos e julgamos que a outros acontecerá o mesmo e, razão por que, ferindo-se um embate como o de ontem, entre um clube local e outro estranho, a maior parte do nosso público esportivo, ao invés de levar ao bando de casa o estímulo de seus aplausos, empresta-o ao de fora, o que, em outros meios, não se dá. Aqui, constitue espetáculo interessante e, por isso mesmo, digno de registro, a atitude francamente hostil que a assistência assume, não sabemos por que, contra o Palestra, quando ele se bate com equipes de outras cidades. E são tão diretos e significativos os epítetos atirados contra os palestrinos que surpreendem mesmo o quadro visitante, que não espera por isso. Basear-se-ão eles nas circunstâncias de ser o clube da avenida Paraopeba fundado e custeado pela colônia italiana? Mas, neste caso, serão desmentido formal à tradicional hospitalidade do nosso povo, que não diferencia cores nem isola raças quando todos palmilham a estrada do progresso e da grandeza do Brasil. Por outro lado, o Palestra tem sido em Minas, sem a menor dúvida, um dos pilares de sua organização esportiva, a que vem prestando proficuamente relevantes serviços. Ora, assim entendendo, não se percebe a fonte de onde se origina essa aversão notória de boa parte do nosso povo para um clube que é exemplo de labor e disciplina. Daí, a nossa perplexidade de ontem, no *field* palestrino, ante a frieza com que os esportistas viam o Palestra consignar um gol, que significava muito para o futebol belorizontino, e os extravasamentos de satisfações com que aplaudiam um feito qualquer da luzida rapaziada do Tupinambás. Sem dúvida, um *match* inter-municipal ou estadual em que o Palestra toma parte oferece um campo interessante para aplicação e estudo da psicologia das multidões<sup>36</sup>.

---

<sup>36</sup> MINAS GERAIS. Belo Horizonte, p. 11, 16 nov. 1931.

Pelo exposto acima, compreende-se que para algumas pessoas as hostilidades contra o time do Palestra nos dias de jogos depunham contra a fama de povo hospitaleiro que os mineiros possuíam. O cronista parecia não querer acreditar que os insultos direcionados aos jogadores do Palestra tinham como explicação a questão étnica.

A frase que dá título ao capítulo refere-se aos desdobramentos de um episódio ocorrido no dia 30 de junho de 1918, envolvendo a equipe do Palestra Itália de São Paulo e a do Paulistano. No confronto entre as duas equipes, uma sucessão de acontecimentos desagradáveis, brigas, ofensas, constrangimentos e insultos levaram à retirada do Palestra da Liga. O cronista do jornal, ao descrever a partida, narrou a situação por que passou o árbitro da seguinte forma:

Descrever uma partida nessas condições é tarefa a que nos furtamos. Diremos apenas, que quem mais sofreu com os graves distúrbios de ontem, foi um distinto moço da Capital da República, casualmente nesta cidade, o Sr. Fausto Torres. É que esse rapaz foi gentil, quis ser serviçal, e vendo o embaraço com que lutavam as duas sociedades que se iam empenhar para conseguir um *referee*<sup>37</sup>, acedeu ao apelo que lhe foi feito, e de bom grado arrastou a responsabilidade. Deve ele estar bem arrependido de se ter metido com semelhante gente [...] O *sportman* carioca, pouco conhecedor das nossas coisas, aprendeu, por experiência própria, que é justificável o receio dos nossos juízes. Embora a sua conduta em todo o decorrer do *match* fosse pautada pela mais absoluta imparcialidade e seriedade, foi ele ameaçado, vaiado, insultado, e se não fora a formidável escolta que lhe forneceu a polícia, talvez a estas horas estivesse a consertar as costelas... Teve a infelicidade de se ver na contingência de punir uma falta cometida por um jogador do Palestra, muito acertadamente aliás, e isso bastou para que lhe acontecesse tudo o que apontamos<sup>38</sup>.

No decorrer da matéria, o cronista assumiu com parcialidade a análise dos lances e ainda clamou "pela completa moralização e regularização das lutas *sportivas*<sup>39</sup>",

---

<sup>37</sup> O Referee é o árbitro de futebol.

<sup>38</sup> O ESTADO DE SÃO PAULO. São Paulo, p. 4-5, 1º jul. 1918.

<sup>39</sup> O ESTADO DE SÃO PAULO. São Paulo, p. 4-5, 1º jul. 1918.

exaltando o "verdadeiro *sport*", que para ele contribuiria para o progresso dessa espécie de divertimento e que, além da diversão, traria inegáveis vantagens para a mocidade.

Contudo, o esporte também podia ser desvirtuado, causando péssima e desoladora impressão, se uma partida terminasse num conflito, numa verdadeira desordem<sup>40</sup>. O cronista tentou demonstrar que o culpado pelos atos de violência e transgressão às regras do futebol eram os jogadores do Palestra Itália e seus espectadores. Ainda afirmou que os acontecimentos desagradáveis que se sucederam seriam muito razoáveis

[...] se ocorressem entre pessoas de ínfima educação, de valor moral muitíssimo duvidoso, mas não entre rapazes que são filiados a uma entidade como a Associação Paulista de Sports Athleticos, onde para ficarem legalmente filiados precisam passar sob as vistas de uma severa sindicância<sup>41</sup>.

Esse tipo de julgamento feito pelo autor da matéria deixou transparecer o questionamento pela presença do time palestrino na Associação e até mesmo colocava em suspeição os critérios para selecionar os clubes e os atletas que fariam parte do campeonato. Por outro lado, ele isenta o Paulistano de responsabilidades e ainda atribui aos seus jogadores uma grande passividade e gestos de muita cordialidade, que não combinam com uma partida de futebol em que os ânimos estavam tão exaltados.

Como se pode constatar na crônica publicada pelo *O Estado de São de Paulo*, de julho de 1918, a culpa pela confusão que se estabeleceu em campo foi atribuída ao Palestra Itália.

Os fatos que ontem se desenrolaram em Vila América, provaram da maneira mais cabal, mais insofismável, que ou a sindicância, a fiscalização da Associação Paulista de Sports Athleticos deixa muito a desejar, ou os seus diretores têm sido burlados em sua boa fé, por certos clubes que militam em seu seio.

---

<sup>40</sup> O ESTADO DE SÃO PAULO. São Paulo, p. 4-5, 1º jul. 1918.

<sup>41</sup> O ESTADO DE SÃO PAULO. São Paulo, p. 4-5, 1º jul. 1918.

O ato praticado pelos sócios e jogadores da sociedade esportiva denominada Palestra Itália não tem justificativa possível. E é da mais inadiável necessidade que não tornem a ser praticados. É absolutamente preciso que se não reproduzam.

[...].

Mas o que praticaram ontem os jogadores do Palestra não tem paralelo possível como o que vimos de mencionar. Cremos que depois do que se viu ontem nenhuma família, nenhuma pessoa sensata, torna a comparecer a um embate, de que participe essa sociedade. Simplesmente degradante e vergonhoso<sup>42</sup>.

### **Considerações Finais**

Durante a pesquisa, percebeu-se que vencer, para o Palestra Itália, passou a ser uma forma de conseguir reunir e agrupar mais pessoas, que vieram da região onde se constituiu o território italiano após a unificação, em torno de um sentimento de pertencimento a uma comunidade étnica, reforçando, desse modo, a italianidade. Para alcançar o objetivo de ser uma equipe que conquistava títulos nas principais competições da cidade, os jogadores italianos do Palestra não pouparam esforços: dedicaram-se, treinaram exaustivamente, além de terem observado o que as equipes que tinham mais êxito no campeonato faziam e começaram a fazer o mesmo.

Nesse sentido, para o Palestra Itália, ganhar os jogos e os campeonatos era algo fundamental, para reforçar a identidade e atrair mais italianos. Dessa forma, mais pessoas dessa origem étnica passaram a identificar-se com o Palestra Itália, à medida que o time passou a ganhar das outras equipes.

Para uma considerável parcela dos imigrantes italianos que sofriam no cotidiano inúmeros percalços e preconceitos, eram insultados e hostilizados, viviam a experiência da não aceitação e ainda conviviam com inúmeras precariedades e restrições, não era interessante pertencer a uma equipe perdedora, pois isso só contribuiria negativamente

---

<sup>42</sup> O ESTADO DE SÃO PAULO. São Paulo, p. 4-5, 1º jul. 1918.

para diminuir ainda mais o prestígio e aceitação dos italianos nas capitais dos Estados de São Paulo e de Belo Horizonte.

Além de mostrar aos próprios imigrantes italianos que eles poderiam superar os estereótipos e estigmas associados a eles por intermédio do futebol, essa modalidade esportiva passou a representar muito para os brasileiros e para um grande contingente de imigrantes de outras nacionalidades. A partir dessa constatação, percebe-se que o intuito dos dirigentes e dos jogadores italianos era ganhar das outras equipes, subjugando os outros times às derrotas. Essa era uma forma de compensar, na seara esportiva, todas as humilhações, insultos, picuinhas, desmandos, arbitrariedades e constrangimentos que muitos italianos sofreram ao chegar ao Brasil, que era idealizado como uma terra de oportunidades. Nosso país não correspondeu às expectativas de um grande contingente de italianos, que voltaram para a Itália ao se frustrarem com as péssimas condições de vida oferecidas em território brasileiro.

Por mais que já houvesse muitas associações de ajuda mútua em São Paulo e em Belo Horizonte, uma grande parcela dos italianos não pertencia a nenhuma delas. Foi com a fundação do Palestra Itália nesses Estados que eles foram se descobrindo italianos, com o envolvimento e o aflorar dos sentimentos que o futebol proporcionou aos imigrantes de várias etnias.

Quando o Palestra Itália de São Paulo ganhou pela primeira vez em 1920, foi a concretização de algo muito maior que apenas a vitória na arena esportiva, mas a demonstração para eles mesmos e, principalmente, para os integrantes de outros times, de outras origens étnicas e para os brasileiros em particular, que eles poderiam ser vencedores e, com isso, atrair mais italianos, contribuindo, de alguma forma, para forjar o sentimento de italianidade.

E o Palestra venceu muito, venceu de forma espantadora. Muito rapidamente essa equipe conseguiu proezas que outras jamais conseguiram, a tal ponto de inspirar, em Minas Gerais e no Paraná, a fundação de times homônimos e que compartilhavam dos mesmos princípios e ideais.

Ao começar a ganhar e percebendo que o futebol atraía cada vez mais italianos para a torcida pelo Palestra, os clubes, nos seus respectivos Estados, fizeram de tudo para continuar vencendo. Trouxeram técnicos do exterior, investiram na construção dos seus estádios e organizaram-se administrativamente.

Para que isso ocorresse, o treinamento foi essencial, ainda mais considerando que poucas equipes treinavam de forma individualizada e com sessões de treino diárias. Quando o Palestra de São Paulo obteve informações de que o Paulistano e o Corinthians adotaram esses procedimentos e estavam obtendo resultados favoráveis, passou a reproduzir os treinamentos e a intensificá-los.

Outro ponto fundamental foi o desenvolvimento técnico alcançado por alguns jogadores da equipe do Palestra Itália, que possibilitou que eles contribuíssem para levar os times à vitória e, conseqüentemente, a melhoria da *performance* individual e das linhas de atacantes (*forwards*), jogadores de meio campo (*half backs*), zagueiros (*full backs*) e dos goleiros (*goal-keepers*). O desenvolvimento técnico alcançado pelos jogadores do Palestra de São Paulo ocorreu de forma acentuada a partir de 1918. Percebeu-se um desenvolvimento técnico comparável ao do Palestra de São Paulo; no caso do Palestra mineiro, somente no final da década de 1920.

Pelo que os cronistas relataram nas fontes, nas descrições minuciosas dos jogos, os jogadores destacaram-se pelo aprimoramento técnico alcançado e pela organização, harmonia e combinação das linhas de zagueiros, meio-campistas e atacantes. Ao

conquistar as vitórias e os títulos, os jogadores passaram a ser festejados, admirados e reconhecidos em outros centros esportivos. Alguns atletas pertencentes ao Palestra de Belo Horizonte e ao Palestra de São Paulo foram sondados e requisitados para jogar em outras cidades, em outros Estados e até mesmo em outros países, como foi o caso de Ninão, Nininho e Niginho em Belo Horizonte, e, por sua vez, de Serafim, Pepe e Ministrinho em São Paulo, que saíram do Palestra e foram jogar no futebol italiano.

Em alguns momentos, o time do Palestra Itália foi identificado como um time violento e que jogava com muito vigor e excesso de força, o que ocasionou muitos conflitos em campo e também fora dele. Em parte, o desejo de vencer dos jogadores palestrinos fazia com que em algumas partidas se excedessem, e nesses jogos constatou-se que as partidas nem eram concluídas, dadas as confusões nos estádios. Por outro lado, também conseguiu-se apurar, pela análise das fontes, que aconteciam em determinados jogos atitudes de intolerância perante os jogadores italianos, pois foram citados episódios de violência ou de desrespeito às normas esportivas, que envolviam jogadores de outras equipes em que as condutas eram diferentes e muito mais amenas. Esses conflitos e as hostilidades contra os italianos foram mais acentuados em São Paulo, principalmente até o fim da Primeira Guerra Mundial. Conseguiu-se, contudo, levantar vários outros fatos que atestam que os preconceitos contra os italianos continuaram existindo, tanto em São Paulo quanto em Belo Horizonte no decorrer da década de 1920 e nos primeiros anos da década de 1930.

As hostilidades contra os imigrantes italianos, no decorrer da década de 1920, foram mais sutis, e em alguns momentos se acentuavam, principalmente quando acontecia algum conflito envolvendo as equipes palestrinas. Por motivos diferentes, os jogadores do Palestra foram punidos diversas vezes pelas ligas dos seus respectivos

Estados em situações em que jogadores de outras equipes não sofriam as mesmas sanções. O time do Palestra de São Paulo resolveu se demitir da liga em 1918, pois não suportava mais tantas hostilidades e tantas arbitrariedades. Muitos desses conflitos eram motivados pela origem étnica dos palestrinos.

O Palestra de Belo Horizonte foi excluído da liga em 1926, por um motivo aparentemente simples de ser resolvido e que, de certa forma, evidencia a vontade dos times locais de se verem livres dos times dos Palestras e de tudo que ele representava. Contudo, tanto em São Paulo quanto em Belo Horizonte, os dirigentes palestrinos conseguiram se organizar para fundar ligas alternativas, que começaram a disputar no campo esportivo a hegemonia e o controle do futebol nos respectivos Estados. Dessa forma, não durou muito tempo a ausência dos italianos das principais competições, pois já não era mais viável organizar um campeonato sem as equipes palestrinas, tanto pelas rendas e pelo público que esse clube era capaz de levar para os estádios, quanto pela emoção e pelo respeito que os jogadores dos Palestras Itália foram capazes de suscitar nas capitais dos Estados de Minas Gerais e de São Paulo.

Quanto mais os italianos eram hostilizados e lhes eram atribuídas características pejorativas que os rotulavam de forma depreciativa, mais se desenvolvia o sentimento de autoproteção e de coletividade, que fez com que se agrupassem e se fortalecessem em torno de um time de futebol e de uma torcida, que, de forma cada vez mais consolidada, passou a representar para muitos jogadores e para uma considerável parte da torcida palestrina sua origem étnica.

Por mais que não fosse unanimidade entre os imigrantes e descendentes de italianos que viviam em São Paulo e em Belo Horizonte, e por mais que não tenha conseguido reunir e agrupar a totalidade dos italianos nas duas capitais investigadas, o

Palestra Itália fundado em São Paulo e em Belo Horizonte logrou êxito, como nenhuma outra entidade fundada por italianos nas duas localidades, no sentido de construir uma comunidade imaginada em torno da ideia de pertencimento dos vênetsos, calabreses, piemonteses, napolitanos e outros povos na descoberta da italianidade, conformada pelas particularidades regionais, que também influenciaram na constituição de um povo ítalo-paulista e ítalo-belo-horizontino. Esse povo teve de adaptar-se às condições de vida impostas no Brasil, mas também conseguiu nutrir, de muitas formas e com grandes doses de nostalgia e saudosismo, a paixão pelos símbolos e pelas manifestações culturais da terra distante. De forma mais ou menos idealizada, muitos italianos, por intermédio do Palestra Itália, descobriram suas raízes e foram estimulados a cultivar o respeito e o amor pela pátria de origem.

O grande êxito alcançado pelos Palestras, em São Paulo e em Minas Gerais, talvez explique por que os dois clubes permaneceram com suas equipes, enquanto outros clubes fundados por imigrantes, que não conseguiram resultados expressivos no âmbito das principais competições, desapareceram ou deram fim aos seus times de futebol. Talvez essas equipes de imigrantes não tenham percebido a importância de se treinar individual e coletivamente, aprimorando as qualidades físicas e o desenvolvimento técnico, para vencer os campeonatos e atrair mais *oriundis*.

## REFERÊNCIAS

**ARALDO ITALIANO.** Belo Horizonte, p. 2, 31 jul. 1923.

ARAÚJO, José Renato de Campos. **Imigração e futebol: o caso Palestra Itália.** 1996. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, SP, 1996.

BARRETO, Plínio; BARRETO, Luiz Otávio Trópia. **De Palestra a Cruzeiro: uma trajetória de glórias.** Belo Horizonte: M&B Acessoria de Imprensa, 2000.

BERTONHA, João Fábio. **Os italianos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

CAPRARO, André. Entrevista. In: MALTA, Pedro Paulo. Bem-vinda baderna: aos poucos, a cultura italiana foi se integrando à brasileira no carnaval, no cinema, na música e até no futebol. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, Ano 6. n. 72, p. 33-35. set. 2011.

CARELLI, Mario. **Carcamano e comendadores**: os italianos de São Paulo da realidade à ficção (1919-1930). São Paulo: Ática, 1985.

CERVO, Luigi. **Início da vida palestrina**. In: GALUPPO, Fernando Razzo. Morre líder, nasce campeão! 1942: arrancada heroica palmeirense. São Paulo: Ed. BB, 2012. p 14-23.

**CORREIO PAULISTANO**, São Paulo, p. 2, 12 set. 1920.

\_\_\_\_\_. São Paulo, p. 2, 4 jun. 1915.

**DIÁRIO DE MINAS**, Belo Horizonte, p. 2, quarta-feira, 27 abr. 1921.

\_\_\_\_\_. Belo Horizonte, p. 3, 21 dez. 1921.

\_\_\_\_\_. Belo Horizonte, p. 2, 5 maio 1922.

\_\_\_\_\_. Belo Horizonte. p. 2, 4 jan. 1922.

\_\_\_\_\_. Belo Horizonte. p. 2, 20 jan. 1922.

DUARTE, Orlando. **Palmeiras**: o alviverde imponente. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

**O ESTADO DE SÃO PAULO**, São Paulo, p. 4, 1º jul. 1918.

\_\_\_\_\_. São Paulo, p. 8, 15 jul. 1917, p. 8.

\_\_\_\_\_. São Paulo, p. 6, 5 ago. 1918.

\_\_\_\_\_. São Paulo, p. 3, 30 jun. 1918.

\_\_\_\_\_. São Paulo, p. 5, 7 maio 1917.

\_\_\_\_\_. São Paulo, p. 6, 24 jun. 1918.

\_\_\_\_\_. São Paulo, p. 6, 11 jun. 1917.

\_\_\_\_\_. São Paulo, p. 6, 30 jun. 1917.

\_\_\_\_\_. São Paulo, p. 6, 10 set. 1917.

\_\_\_\_\_. São Paulo, p. 6, 17 set. 1917.

\_\_\_\_\_. São Paulo, p. 6, 26 nov. 1917.

\_\_\_\_\_. São Paulo, p. 5, 21 jan. 1918.

\_\_\_\_\_. São Paulo, p. 4, 11 jul. 1918.

**FANFULLA**. São Paulo, p. ???, 13 ago. 1914.

\_\_\_\_\_. São Paulo, p. 6, 5 jan. 1915.

FIGUEIREDO, Antonio. Historia do Football em São Paulo. In: GAMBETA, Wilson (Org.). **Primeiros passes**: documentos para a história do futebol em São Paulo (1897-1918). São Paulo: Biblioteca Mário de Andrade Edições; Ludens, 2014.

HALL, Michael M. Entre etnicidade e a classe em São Paulo. In: CARNEIRO, Mária Luiza Tucci; CROCI, Federico; FRANCINA, Emilio (Org.). **História do trabalho e histórias da imigração**: trabalhadores italianos e sindicatos no Brasil (séculos XIX e XX). São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo; Fapesp, 2010. p. 49-63.

**MINAS GERAES**. Belo Horizonte, p. 11, 18-19 nov. 1929.

\_\_\_\_\_. Belo Horizonte, p. 11, 16 nov. 1931.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

RIBEIRO, Henrique. **Almanaque do Cruzeiro**. Caxias do Sul: Belas-Letras, 2014.

RIBEIRO, Raphael Rajão. **A bola em meio a ruas alinhadas e uma poeira infernal**: os primeiros anos do futebol em Belo Horizonte (1904-1921). 2007. 180 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais (FAFICH/UFMG). Belo Horizonte, 2007. Disponível em: [http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/VGRO-7AXN6H/disserta\\_o\\_raphael\\_raj\\_o\\_ribeiro.pdf?sequence=](http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/VGRO-7AXN6H/disserta_o_raphael_raj_o_ribeiro.pdf?sequence=) . Acesso em: 21 de mar. 2012.

\_\_\_\_\_. Participação imigrante nos primeiros anos do esporte em Belo Horizonte. **Revista da Imigração Italiana em Minas Gerais**, p. 1-17, 2009. Disponível em: [http://www.ponteentreculturas.com.br/revista/a\\_revista.html](http://www.ponteentreculturas.com.br/revista/a_revista.html) . Acesso em: 21 set. 2015.

SALUN, Alfredo Oscar. **Palestra Itália e Corinthians**: quinta coluna ou tudo *buona gente*? 2007. 283 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: [www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-27112009.../pt-br.php](http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-27112009.../pt-br.php) . Acesso em: 16 set. 2013.

SANTANA, Jorge. **Páginas heróicas**: onde a imagem do Cruzeiro resplandece. São Paulo: DBA Artes Gráficas, 2003. (Coleção Camisa 13).

SOARES, Carmem Lúcia. **Educação física**: raízes européias e Brasil. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2004.

SOUZA, Jhonatan Ueverton. **O jogo das tensões**: clubes de imigrantes italianos no processo de popularização do futebol em Curitiba (1914-1933). 2014. 260 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014. Disponível em: <http://www.humanas.ufpr.br/portal/historiapos/files/2013/09/Jhonathan.pdf> . Acesso em: 19 de nov. 2014.

STREAPCO, João Paulo F. **Cego é aquele que só vê a bola**: o futebol em São Paulo e a formação das principais equipes paulistanas: S. C. Corinthians, S. E. Palmeiras e São Paulo F. C. 2010. 228 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: [www.teses.usp.br/teses/.../8/.../2011\\_JoaoPauloFrancaStreapco\\_VCorr.pdf](http://www.teses.usp.br/teses/.../8/.../2011_JoaoPauloFrancaStreapco_VCorr.pdf) . Acesso em: 20 de dez. 2013.

TOLEDO, Luiz Henrique. A cidade e o jornal: a *Gazeta Esportiva* e os sentidos da modernidade na São Paulo da primeira metade do século XX. In: HOLLANDA, Bernardo B. B.; MELO, Victor A. (Org.). **O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012. p. 52-79.

#### **Endereço do Autor:**

Rodrigo Caldeira Bagni Moura  
IFMG – campus Bambuí  
Rodovia Bambuí-Medeiros Km 5  
Bambuí – MG – 38.900-000  
Endereço Eletrônico: [rodrigo.moura@ifmg.edu.br](mailto:rodrigo.moura@ifmg.edu.br)